

Por que olhar para trás?

Estudar a história da igreja poder parecer um esforço inútil para alguns e um exercício incrivelmente chato para outros. Afinal, o que temos a ver com essas histórias antigas, essas pessoas já mortas há tanto tempo, aquelas desavenças e discussões dos cristãos do passado?

Costumamos dizer que o brasileiro é um povo sem memória e talvez isso tenha lá sua pitada de verdade. Embora tenhamos estudado a história de nosso próprio país na escola, sabemos que em geral nós brasileiros não morremos de amores pela história de nossa nação e tampouco nos apaixona conhecer o nosso passado como povo. Muitas famílias sequer mantêm registros mais antigos de seus antepassados e neste sentido a nossa cultura no entorno só reforça a pergunta: por que estudar a história da igreja se eu não sei nem o nome do meu bisavô? No que isso muda a minha vida?

Justo Gonzalez, com segurança um dos mais historiadores atuais e quem sabe de todos os tempos da fé cristã, aponta na introdução de sua obra que estudar a história da igreja para ele é compreender a si mesmo, pois Gonzalez afirma que sem compreender a igreja não seria possível compreender a si mesmo e é impossível compreender a igreja sem compreender sua história.¹

Creio que em certo aspecto todos podemos nos apossar da fala de Gonzalez, pois a igreja tem especial impacto em nossa formação como pessoas, nossa maneira de ver o mundo e lidar com ele, em especial para aqueles que foram nutridos desde a mais tenra idade com o ensino dentro da comunidade cristã. Seria impossível entender quem somos sem compreender a igreja na qual aprendemos, servimos e crescemos. Será impossível entender a nossa igreja local sem compreender a denominação na qual a mesma se insere, com suas ênfases, suas raízes, seus pressupostos e por que ela é como é. Será impossível entender a denominação na qual servimos ou a tradição cristã na qual estamos inseridos sem compreender a história da igreja como um todo.

Nesse sentido, como bem alerta Gonzalez, o passado não está tão morto e tão distante e tão obsoleto assim, mas vivo e presente por meio das tradições, dos costumes, das coisas que fazemos hoje por que já as faziam no passado e por que nos disseram que assim deve ser feito.² Franklin Ferreira cita Jaroslav Pelikan, que afirmou que “a tradição é a fé viva dos que morreram; o tradicionalismo é a fé morta dos que estão vivos”.³

Por que somos presbiterianos? Por que somos reformados? Por que somos protestantes? O que isso quer dizer? O que isso não quer dizer? O que é essencial na fé reformada? O que pode ser relido e revisto? O que não pode? Veja, não estou falando sobre nossos comprometermos com Deus e sua Palavra, mas com a igreja local na qual servimos a Deus e aprendemos da sua Palavra. Seria impossível ter perspectiva sobre essas questões e avançar com segurança sem retornar ao passado e buscar nele não apenas as respostas mas os modelos que talvez nos faltem hoje tão largamente, modelos de vida de piedade, modelos de como servir a Deus em uma era de modismos igrejisticos que nunca terminam, sempre vindo e vindo como ondas incessantes a bater na praia.

A história da igreja é o caminho, “é um auxílio para a compreensão da atualidade, nos ajudando a entender como chegamos até aqui”.⁴ Se compreendermos como chegamos até aqui, poderemos avaliar com maior precisão onde estamos e como seguir adiante, corrigindo o curso quando necessário, alinhados com a firme decisão de sermos igreja verdadeira de Jesus Cristo no hoje, no agora e no aqui.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.7

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.7

³ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.19

⁴ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.19

Como olhar para trás?

Existem diversas maneiras de estudar a história. Diferentemente do que muitas pessoas pensam, nosso papel ao construir uma leitura da história não é passivo mas ativo. O que quero dizer? Os livros de história podem parecer apenas a narrativa da história tal qual como ela aconteceu, mas o fato é que todo historiador lê a história a partir de certos pressupostos que acabam determinando a maneira como ele vai ler os fatos históricos, como vai interpretá-los e como vai amarrá-los dando sentido a uma narrativa.

Você já viu duas pessoas que tiveram um problema de relacionamento contarem a história pra você e cada uma contar a história do seu ponto de vista, enfatizando aquilo que acha mais correto? Se você já passou por isso entende como funciona: cada um seleciona fatos, frases, momentos e os coleciona organizando-os de certa maneira que criam uma narrativa que os favorece.

Em certo sentido, todos somos historiadores pois desde crianças narramos nossas desventuras para os nossos pais tentando mostrar por que chegamos em casa sujos, com a camisa rasgada ou o joelho esfolado. Para criar uma história convincente, sabemos que alguns fatos são “omitidos” e outros exagerados, algumas frases são citadas e outras esquecidas.

O historiador sempre lê e interpreta os fatos históricos a partir de seus pressupostos e no caso da história da igreja não é diferente. Bradley Muller afirma que no período anterior ao século XIX os historiadores da igreja sempre escreviam com um ponto de vista profundamente confessional.⁵ Historiadores de diferentes correntes cristãs interpretavam os fatos puxando a sardinha para a sua brasa, por assim dizer, lendo os fatos de maneira através dos vieses de suas correntes.

Um bom exemplo pode ser encontrado na maneira como o historiador Jesse Lyman Hurlbut classifica a igreja primitiva da era apostólica até o ano 100 d.C. em sua obra como “Igreja do Período Pentecostal”.⁶ Parece claro que chamar a igreja primitiva de igreja pentecostal dará a chave de leitura histórica perfeita para ler o movimento pentecostal moderno como um retorno da igreja até suas raízes originais, como se a reforma protestante tivesse iniciado um retorno a verdadeira igreja mas apenas o movimento pentecostal tivesse de fato completado essa purificação da igreja cristã. Novamente, sempre lemos a história a partir de nosso ponto de vista, puxando a sardinha para a nossa brasa.

A historiografia da igreja só tomou outros ares a partir de meados do século XIX, quando aconteceram duas mudanças que trouxeram em certo sentido um novo ambiente para o estudo da história da igreja: a primeira foi uma posição mais científica dos historiadores na análise de documentos antigos, ou seja, uma leitura mais imparcial e menos comprometida pelos pressupostos; a segunda mudança foi o fato dos historiadores terem mais liberdade para chegar a conclusões que não necessariamente validassem uma corrente cristã em detrimento de outras.⁷

E nós? Como nós vamos fazer isso?

Bem, a princípio vamos seguir as divisões da obra de Justo Gonzalez, que estratifica a história da igreja em dez eras: a Era dos Mártires; a Era dos Gigantes; a Era das Trevas; a Era dos Altos Ideais; a Era dos Sonhos Frustrados;⁸ a Era dos Reformadores; a Era dos Conquistadores; a Era dos Dogmas e das Dúvidas; a Era dos Novos Horizontes e a Era Inconclusa.⁹

Ao longo do caminho vamos poder localizar na história e em seu contexto histórico grandes nomes da fé cristã, como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Martinho Lutero, João Calvino, John Knox, John Wesley, entre tantos outros que trabalharam duramente na obra do Evangelho e nos precederam na fé. Como afirmou Pedro de Blois (1.135 a 1.203 d.C.), nós somos anões espirituais e só podemos melhorar essa condição subindo nos ombros dos gigantes do passado.¹⁰

Acima de tudo, que possamos aprender com nossos irmãos na fé do passado, imitando suas virtudes e evitando seus excessos e equívocos, sabendo que outros farão o mesmo a nosso respeito no futuro.

⁵ MULLER, Bradley. *Church history*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1995, p.11

⁶ HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã – 14a Reimpressão*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

⁷ MULLER, Bradley. *Church history*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1995, p.13

⁸ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

⁹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

¹⁰ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.19